

***O Nacionalismo em Triste Fim de Policarpo Quaresma,
de Lima Barreto***²

Ada Maria Hemilewski³

Nas duas primeiras décadas do século XX, o Brasil passa por várias transformações políticas, sociais e culturais. Com a Proclamação da República, a antiga oligarquia açucareira, detentora do poder durante o Império, é substituída pela nova oligarquia do café, que se consolida no poder através do fortalecimento das oligarquias estaduais, as quais controlam todos os eleitores, garantindo sempre a vitória do candidato situacionista. Do fortalecimento dessas oligarquias, passa-se à política dos governadores, assim chamada porque esses começam a apoiar e a influenciar a política nacional, em troca de benefícios prestados pelo governo federal. A política dos governadores transforma-se, rapidamente, na chamada política do "café-com-leite", estabelecida mediante tácito acordo entre os estados mais poderosos da época: São Paulo e Minas Gerais. A consolidação do governo republicano é marcada pela hegemonia política das elites

² Monografia apresentada pela autora no Curso de Mestrado, na PUC/RS.

³ Professora de Literatura da URI - campus Frederico Westphalen.

desses dois Estados, que se *revezam* na presidência da República.

Quanto ao desenvolvimento da economia, paralelamente à crescente importância do café, ao efêmero surto de borracha e à uma industrialização nascente, verifica-se, no plano internacional, a disputa entre a Inglaterra e os Estados Unidos, pela conquista de mercados mundiais. Os Estados Unidos passam a dominar o comércio com o Brasil, mas isso em nada modifica nossa situação de exportadores de matéria-prima e gêneros tropicais e de importadores de manufaturados. O País continua dependente. Só muda o país do qual depende.

No aspecto social, os contrastes da sociedade brasileira acentuam-se: de um lado, ex-escravos, imigrantes e o proletariado, de outro, uma classe conservadora, detentora de poder e dinheiro. Da tensão entre esses dois pólos resulta um panorama de crises que eclodem em diversas regiões, sendo energicamente reprimidas pelo governo.

Culturalmente, o período é marcado pela permanência de valores estético-ideológicos do século XIX, que se mesclam com outros, renovadores, voltados para a situação nacional e social do país. Na prosa de ficção, o paradigma é o nacionalismo ufanista representado por Coelho Neto, autor de *A capital federal e Miragem*, entre outras obras, e o conde Afonso Celso, autor de *Porque me ufano de meu país*. Coexistindo com os conservadores, surge um nacionalismo renovador que visa à análise crítica dos problemas brasileiros. Entre os escritores desse grupo, encontra-se Lima Barreto. A respeito de sua obra, Nelson Werneck Sodré, em *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*, afirma:

Sua obra, desde o Isaías Caminha, tinha inequívoco traço nacional e popular, voltada para os costumes e abrigando personagens humildes, distantes dos salões celebrados, ao tempo, pelos autores consagrados, nos romances mundanos (1987: 39).

O traço nacional, a que Sodré alude, é uma característica marcante na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Entrecruzando eventos e personagens da História do Brasil com o destino individual da personagem principal, Lima Barreto constrói um romance no qual sobressai o nacionalismo, objeto do presente ensaio.

O tempo histórico focado no referido romance é o da Primeira República, detendo-se no governo do Marechal Floriano Peixoto, que é examinado criticamente por um narrador onisciente. *Em História e Literatura*, Flávio Loureiro Chaves declara:

Em nenhum outro lugar virá à tona, com tanta clareza, a crítica assentada sobre a sociedade cujos mecanismos de dominação resultaram no desastre de Canudos. Mas Lima Barreto é um narrador urbano, tipicamente carioca, e nele é consciente a intenção de fazer a crônica do primeiro período republicano. Há de fazê-la, no entanto, sob o prisma da sátira e da caricatura impiedosa que parece tudo abarcar, dos burocratas medíocres, à tirania de Floriano Peixoto, dos intelectuais que cultivam o sorriso da sociedade aos ativistas políticos que enfrentarão o fuzilamento ao raiar do dia seguinte. Afinal, para Lima Barreto, a República não era senão o somatório da velha oligarquia rural aliada ao militarismo e à burocracia do Estado (1991:23 e 24).

A proclamação da República representa o rompimento definitivo com Portugal, pois, embora o Brasil já fosse um país independente, a cultura portuguesa exercia um forte fascínio sobre os intelectuais brasileiros do século XIX. A mudança da forma de governo possibilita a vitória sobre o colonialismo e reafirma a independência nacional.

Triste fim de Policarpo Quaresma é uma crítica ao nacionalismo ufanista, sacralizante, que invade a literatura após a independência e é retomado pela intelectualidade brasileira no início do século XX. É esse tipo de nacionalismo que impregna a personagem Policarpo Quaresma, como se pode observar na seguinte passagem:

Policarpo era um patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tornou-o inteiro. Não fora o amor comum, pabrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa (p. 22).

Para conhecer o Brasil, a personagem vale-se da leitura de obras de ficção e de História do Brasil:

Na ficção, havia unicamente autores nacionalistas ou tidos como tais: o Bento Teixeira da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todos), o Macedo, o Gonçalves Dias (todos), além de muitos outros. Podia-se afirmar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta para lá faltava nas estantes do maior (P 21).

Observa-se que os autores citados apresentam, em suas obras, visões ufanistas do Brasil. Entre eles, Quaresma possui a obra completa dos dois maiores representantes do nacionalismo romântico: José de Alencar e Gonçalves Dias, ambos autores de obras indianistas. A menção a esses autores não deixa dúvidas quanto ao tipo de nacionalismo do qual Quaresma está imbuído.

As obras de História do Brasil, lidas pela personagem, também são de autores nacionais, que descrevem o país de uma forma ufanística, ou de estrangeiros, que viajaram pelo Brasil e descrevem maravilhados o que viram:

De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo e Rocha Pita; Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira e Silva, Handermann (Gerschichte von Brasilien), Melo

Morais, Capistrano de Abreu, Southey, Varnghagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então, no tocante a viagens e explorações que riqueza) Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martins, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Conto de Magalhães e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou largamente (p. 21).

A partir de tais leituras, imbuído de espírito patriótico, Policarpo Quaresma lança-se à prática do nacionalismo. A ênfase conferida às leituras, na formação do nacionalismo da personagem, ressalta os laços entre a comunidade tipográfica e a idéia de nação, já indicada por Benedict Anderson, em *Nação e consciência nacional* (1989).

Na tentativa de resgatar as manifestações culturais verdadeiramente brasileiras, a personagem dedica-se ao aprendizado do violão. Embora visto com preconceito, o instrumento é, segundo Quaresma, o mais adequado para acompanhar a modinha, "a mais genuína expressão da poesia nacional" (p. 21).

Quaresma dedica-se também ao estudo do tupi-guarani, provocando o deboche dos colegas de repartição que, nas suas costas, passam a chamá-lo de *Ubirajara*, numa clara alusão ao romance de José de Alencar. Em casa, ele exige que sua irmã só use, na cozinha, produtos nacionais e, quando a irmã reclama, ele argumenta: "A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente. Você é que deu para implicar" (p. 26)

Comentando com Ricardo Coração-dos-Outros que os brasileiros preferem os produtos estrangeiros, opinião com a qual Ricardo concorda, Quaresma faz uma alusão à nascente indústria nacional:

- *Mas é um erro... Não protegem as indústrias nacionais... Comigo não há disso, de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas nacionais e assim por diante!* (p. 26).

Quaresma é, de fato, um nacionalista radical. Para ele, só o que é genuinamente nacional é bom. O jardim só possui plantas nacionais, na chácara, predominam "fruteiras nacionais" (p. 29). A medida que o tempo passa, seu nacionalismo torna-se mais arraigado:

A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à Pátria, eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas idéias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesmo (era a sua opinião), a grande Pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra (p. 29).

No intento de concretizar suas idéias, Quaresma tenta resgatar modinhas e canções populares. Além disso, dedica-se a estudar todas as publicações sobre *folklore*, concluindo que todas as canções e tradições mantidas pelo povo brasileiro são estrangeiras. A decepção leva-o a estudar os costumes dos tupinambás e a organizar "um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis" (p. 35). O resultado de tanto estudo logo se transforma em ação: quando recebe a visita de sua afilhada Olga e de seu compadre Vicente, ao invés de apertar-lhes a mão, "desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho" (p. 36). Diante da estupefação de todos os que estavam na casa, Quaresma explica seus atos com naturalidade:

- *Eis aí! Vocês não tem a mínima noção das coisas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão... Isso não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando*

encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás (p. 36).

Apesar de incompreendido por todos, Quaresma continua defendendo seu ponto de vista, não percebendo o ridículo da situação. Encontra no habitante primitivo da terra, cantado em prosa e verso pelos autores românticos Alencar e Gonçalves Dias, a verdadeira cultura brasileira. Num requerimento encaminhado à Câmara dos Deputados, propõe a substituição do português pelo tupi-guarani, alegando que a "emancipação política do país requer como complemento e conseqüência a sua emancipação idiomática" (p. 50).

Quaresma considera a exclusividade lingüística um fator determinante para a consolidação da independência do país. No entanto, a língua não foi sequer discutida na América, pois o fato de as colônias compartilharem a mesma língua com suas metrópoles não se constitui em obstáculo à independência. Do ponto de vista lingüístico, o fator fundamental para a formação da nação é, segundo Anderson (1989), a unidade, e não a exclusividade, como propõe Quaresma em seu requerimento.

Sua proposta é recebida com risos e deboches Quaresma passa a figurar nas páginas dos jornais, durante duas semanas. Por mais que pense, ele não consegue entender o motivo da não aceitação de seu pedido, nem da reação da imprensa e dos colegas de repartição. Sua maior preocupação reside na desconfiança de seus colegas de que ele não saiba tupi. Isso se transforma numa idéia fixa, levando-o a datilografar, inadvertidamente, um ofício em tupi, o que causa o maior rebuliço na repartição

A exposição da face ridícula da personagem, justamente quando seu nacionalismo desemboca no indianismo, indica a clara intenção de Lima Barreto em criticar o nacionalismo ufanista romântico, ao qual já se referira quando destacara que a personagem possuía todas as obras de Alencar e Gonçalves Dias e que os colegas de repartição chamavam Quaresma de *Ubirajara*.

Ao mesmo tempo que mostra o nacionalismo ufanista de Quaresma, o narrador traça um painel da sociedade brasileira do início

do século, na qual emergia uma classe média suburbana que se julgava aristocrática e, embora tentasse cultivar hábitos modernos, imitando a alta sociedade carioca, identificava-se com os velhos tempos do império. Além disso, o narrador denuncia: a pressão social que empurra as moças para o casamento, visto como uma espécie de negócio; a veneração do brasileiro pelo título de doutor; as relações nas repartições públicas e no exército, onde os critérios de premiação e promoção são pautados pelo favorecimento pessoal, e não pela competência. Satiriza, também, os trâmites da burocracia e a falsa sabedoria dos funcionários graduados, que confundem o tupi e o grego. O quadro social apresentado pelo narrador contrasta com a visão ufanista que Quaresma tem da pátria.

Na primeira parte da obra, a personagem move-se no espaço urbano, mas, na segunda parte, ocorre uma mudança de espaço, pois Quaresma, depois de permanecer durante seis meses no hospício, muda-se para a zona rural. É no sítio do Sossego, adquirido por sugestão de sua afilhada Olga, que ele pretende provar a fecundidade das terras brasileiras:

Esperava grandes colheitas de frutas, de grãos, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores, estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, vidente e abundante a dispensar os argentinos e europeus (p. 71).

Quaresma acredita que seu exemplo vai produzir um milagre, através do qual o Brasil deixará de importar produtos da Argentina e da Europa, realizando a utopia de tornar-se auto-suficiente:

Então pensou que foram vãos aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes; o que era principal à grandeza da pátria estremecida era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha que preencher (p. 71).

Nem o fracasso inicial, nem a estada no hospício arrefecem o nacionalismo de Quaresma. Acreditando que o futuro da pátria está na

agricultura, dedica-se ao cultivo do solo, lutando contra as ervas daninhas, as saúvas, a peste, as dificuldades de comercialização dos produtos e os baixos preços obtidos em sua venda. Além dessas dificuldades, para surpresa e espanto de Quaresma, os políticos do município, acreditando que ele se estabelecera no "Sossego" com o objetivo de fazer política, passam a assediá-lo. Como ele não adere nem à situação nem à oposição e deixa clara sua intenção de não fazer política, intenção na qual ninguém acredita, inicia-se uma campanha contra ele: publicação de artigos no jornal do município, tentativa de envolvê-lo em trapaças eleitorais, intimação e aplicação de multa. Na visão dos grupos, tanto da oposição quanto da situação, Quaresma constitui uma ameaça e precisa ser afastado de Curuzu.

Diante da rede de intrigas que os políticos do município armam ao seu redor, Quaresma conclui que as condições de miséria da população rural são fruto de uma política consciente dos detentores do poder, os quais não têm nenhum interesse em realizar as reformas necessárias para modificar tal situação:

Quaresma veio a recordar-se do seu tupi, do seu folklore, das Modinhas, das suas tentativas agrícolas - tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil (p. 107).

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz (p. 108).

Percebendo quais são os verdadeiros obstáculos para que o país se transforme num celeiro, ele acredita que um governo forte poderia removê-los, protegendo a agricultura, assim como o Duque de Sully, ministro do rei Henrique IV, havia feito na Inglaterra. Por isso, quando lê no jornal que havia estourado a Revolta da Armada, resolve apoiar Floriano, a quem vê como o salvador da

pátria. Decidido a defender o governo, envia o seguinte telegrama: "Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. - Quaresma" (p. 108)

A presença de Quaresma no sítio do "Sossego", em sua malograda tentativa de redimir a agricultura, possibilita o desvendamento da realidade do meio rural: a miséria geral, as terras improdutivas e a pobreza das casas, por falta de uma política agrícola adequada, uma vez que o governo só concede auxílio aos imigrantes, ignorando totalmente o agricultor nacional.

Apesar de tomar consciência da importância do poder, instância decisória dos destinos da nação, Quaresma, em sua ingenuidade, coloca Floriano acima das reais relações do poder vigente na sociedade brasileira. A certeza de que o Presidente resolveria todos os problemas da agricultura leva-o a redigir um memorial:

Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas (P 119).

A decisão de Quaresma em participar da luta em defesa do governo muda o foco da crítica do narrador, que se volta para os militares e para o positivismo, base ideológica da República:

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os a/feres, os tenentes e os capitães. Para a maioria, a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichê,

com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!... (p. 112).

Em seguida, descrevendo as dificuldades de Quaresma em aproximar-se de Floriano, o narrador critica os cadetes da Escola Militar que formavam a "falange sagrada":

Tinham todos os privilégios e todos os direitos, precediam ministros nas entrevistas com o ditador e abusavam dessa situação de esteio a Sila, para oprimir e vexar a cidade inteira.

Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República, em artigo de fé, em feitiço, em ídolo mexicano, em cujo altar todas as violências e crimes eram oblatas, dignas e oferendas úteis para a sua satisfação e eternidade (p. 120 e 121).

O Presidente Floriano Peixoto também é apresentado criticamente pelo narrador: inicialmente, chama-o de *ditador*, depois o compara com *Sila* - general e político romano que estabeleceu uma rígida ditadura - e, finalmente, refere-se aos "poderes do Imperador Romano" (p. 121) que ele detinha. Ao descrever Floriano, o narrador faz uma verdadeira caricatura do Presidente:

Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande mosca; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa da raça; e todo ele era gelatinoso parecia não ter nervos (p. 121).

O narrador também julga o caráter de Floriano, como se pode observar nas seguintes passagens:

A sua preguiça, a sua tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso ao lar deram em resultado esse homem-talvez que, refratado das necessidades mentais e sociais dos homens do tempo, foi transformado em estadista, em Richelieu e pode resistir a uma séria revolta com mais teimosia que vigor, obtendo vidas, dinheiro e despertando até entusiasmo e fanatismo.

...

a sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a coisa ao grande a portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não era mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro, ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põem-se mais água (p. 123).

Ao receber o memorial de Quaresma, Floriano faz pouco caso e até rasga um pedaço de papel do manuscrito, usando-o para escrever uma ordem. No entanto, apesar de tudo, o nacionalismo de Quaresma continua inabalável, pois "ele com muitos homens honestos e sinceros do tempo foram tomados pelo entusiasmo contagioso que Floriano conseguira despertar" (p. 123).

Somente quando Quaresma encontra-se novamente com o Presidente, depois de ter convivido com os militares que gravitam em torno do poder, a personagem percebe seu engano:

Sáira ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um Presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance de seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!... Era pois para sustentar tal homem que deixara

o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural? (p. 144).

Posteriormente, ferido em combate, Quaresma, decepcionado, escreve para a irmã:

Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido e o sangue que derramei e o sofrimento que vou sofrer toda a vida foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer...

Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade (p. 154 e 155).

A visão ingênua da Pátria e de seus governantes, bem com o nacionalismo ufanista e utópico de Quaresma são substituídos pela tomada de consciência da realidade brutal e feia que, a duras penas, finalmente consegue enxergar. Todavia, a tomada de consciência da realidade e a solidariedade humana levam-no à prisão e à morte. Ao escrever uma carta ao Presidente, denunciando que presos, escolhidos a esmo, eram levados para serem executados sumariamente no Boqueirão, ele é preso e mandado à Ilha das Cobras. No cárcere, revendo sua vida, a desilusão o atinge:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. A agricultura? Nada. As terras não eram férteis e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que

achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida, uma série, melhor, um encadeamento de decepções (p. 162).

Finalmente, Quaresma conclui que a pátria que ele idealizara, baseado nas obras que lera durante trinta anos, não existe:

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política, que julgava existir havia (p.162).

Revisando a história, ele se dá conta de que nada mudou, pois não havia interesse em melhorar as coisas. Quaresma percebe, então, que sua visão das instituições nacionais era idealizada, e não real. Por isso, as coisas não mudavam, e os que estavam interessados em fazê-lo eram impedidos:

Ele se lembrava que há bem cem anos, ali, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado das coisas de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido vantagem? As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente, sim; mas, bem examinado, não (p.163)

Segundo Ernest Renan, em *What is a nation?* (9-21), artigo que compõe o livro *Nation and narration*, organizado por Horni Bhabha (1994), uma nação é uma comunidade de interesses comuns, a culminação de um passado de esforços, sacrifícios e devoção, e o desejo de viver juntos para perpetuar a herança recebida. Sua garantia é o direito de liberdade. Percebe-se, claramente, nas reflexões finais de Quaresma, que os detentores do poder não comungam dos interesses das classes menos favorecidas do País, não valorizam os esforços dos homens que desejam legar uma pátria melhor a seus descendentes e não

respeitam a liberdade, eliminando todos os que se opõem aos interesses da classe dominante.

No entanto, se o fim de Policarpo Quaresma é trágico, o final da obra não o é, pois Lima Barreto antevê um futuro para a sociedade brasileira. Olga, a afilhada de Quaresma, após fracassada tentativa de salvar o padrinho da prisão, olhando os bondes e os carros que passam pelas ruas da cidade, adquire a consciência das transformações efetuadas na marcha da História, percebendo que outras modificações acontecerão. A visão de Olga, uma filha de imigrantes não comprometida com a classe dominante, é a esperança de um futuro melhor, cuja História será escrita por pessoas como ela. Essa visão de esperança se contrapõe à total desilusão de Quaresma.

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto enfoca dois aspectos do nacionalismo: o ufanista e o crítico. Na obra, ocorre um processo de construção e desconstrução do nacionalismo ufanista. Inicialmente, Lima Barreto constrói o nacionalismo ufanista, através da personagem principal, mas, à medida que Policarpo Quaresma coloca-o em prática, a imagem que ele possui da Pátria mostra sua inconsistência, pois a realidade é outra, diferente da representada nas obras que leu e, a partir das quais, criou a imagem de seu país. O processo de desconstrução é lento, possibilitando ao leitor acompanhar a evolução da consciência da personagem, que vai, gradativamente, perdendo a ingenuidade inicial, até atingir a desilusão.

O primeiro desencontro entre a realidade e a visão ufanista de Quaresma ocorre quando ele propõe a adoção do tupi e é ridicularizado pela sociedade, sendo, por isso, levado à loucura. Saindo do hospício, dedica-se à agricultura, na tentativa de comprovar que o Brasil pode se tornar auto-suficiente na produção de alimentos. Defronta-se, então, com as ervas daninhas, a saúva, a peste, os atravessadores e as intrigas dos políticos do interior, modificando sua visão da realidade da agricultura do país. Conclui sobre a necessidade de atacar a questão do poder. No entanto, constrói uma imagem idealizada do Presidente Floriano Peixoto, que o conduz a um novo confronto, através da visão dos interesses pessoais e das atrocidades cometidas pelos poderosos para se manterem no poder. Desse confronto resulta a desilusão e a

desesperança, as quais, nos momentos que antecedem a sua morte, levam-no a questionar o sentido de sua existência.

Contrapondo-se ao nacionalismo ingênuo da personagem, a obra apresenta o nacionalismo crítico, voltado à realidade da sociedade brasileira do início do século. Na construção do nacionalismo crítico e na correspondente desconstrução do nacionalismo ingênuo, Lima Barreto vale-se da ironia e da caricatura para desvendar as engrenagens viciadas do poder, mantidas por uma elite cujo único interesse era a conservação dos próprios privilégios. A obra cumpre, assim, com as duas funções que a Literatura pode exercer na busca da identidade nacional, as quais Edouard Glissant, citado por Zilá Bernd, em sua obra *Literatura e identidade nacional* (1992:17-18), denomina *sacralização e dessacralização*. A visão ufanista que Quaresma possui da pátria é uma visão sacralizada, própria de uma consciência ingênua. Todavia, à medida que são desvendadas as engrenagens do poder e mostrados os reais problemas da pátria pelo narrador, ocorre o processo de dessacralização.

A obra de Lima Barreto representa, assim, uma ruptura no caráter hegemônico do discurso nacionalista que caracterizava a literatura brasileira no período romântico e nas primeiras décadas do século XX. É também um prenúncio dos rumos que a ficção nacional seguiria a partir da Semana da Arte Moderna, de 1922, consolidados pelo chamado "Romance de 30", reunindo História e Literatura, num processo de sondagem e desmascaramento da sociedade brasileira, que permanece até os nossos dias.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma* São Paulo: Moderna, 1993.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992
- BOSI, Alfredo. *A literatura brasileira: o pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 19969
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- COUTINHO, Afrânio *A literatura no Brasil: simbolismo - impressionismo - transição*. Rio de Janeiro: Sul América, 1969.
- LOPES, Luiz Roberto. *Cultura brasileira: de 1808 ao pré-modernismo*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- MOREIRA Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- RENAN, Ernest. *What is a nation?* (9-21) In: BHABHA, Horni K. (Ed.) *Nation andnarration* London: Routledge, 1994.
- SODRÉ, Nelson Verneck *Literatura e história do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987
- *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976
- WEBER, João Ernesto. *Caminhos do romance brasileiro: de A moreninha a Os Guaianãs*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.